

A peste bubónica no Porto

MARIA ANTÓNIA PIRES DE ALMEIDA

Em 1899 declarou-se na cidade do Porto uma surto de peste bubónica (*Yersinia pestis*), cujo bacilo foi isolado por Alexandre Yersin e Kitasato Shibasaburō em Julho de 1894 após investigação na China, onde a doença era endémica. Esta epidemia traumatizou a vida dos portuenses, pois foram postas em prática medidas sanitárias que deram origem a tensões sociais e políticas relevantes. A doença caracteriza-se pelo aparecimento de bubões resultantes de inflamação dos gânglios linfáticos que podem supurar ou gangrenar, levando à morte. As pulgas dos ratos são os principais veículos do contágio.

Ricardo Jorge (1858-1939) era médico municipal, director do posto de desinfecção pública do Porto e professor de Higiene e Medicina Legal na Escola Médico-Cirúrgica do Porto. Já tinha identificado os problemas de higiene da cidade como causa para a proliferação de doenças e epidemias, com especial destaque para a tuberculose, na sua obra *Demographia e hygiene da cidade do Porto...* (1899). Foi o responsável pelo diagnóstico da epidemia, que foi validado pelos colegas portugueses e por médicos estrangeiros que se deslocaram à cidade para estudar a doença.

A imprensa negou a epidemia e atribuiu a responsabilidade da doença às condições higiénicas, que ainda eram um problema grave no Porto, especialmente nos bairros operários.

Feito o diagnóstico das pessoas e dos ratos, Ricardo Jorge preocupou-se com a circunscrição da epidemia e eliminação dos factores de risco, sem recurso a um cordão sanitário. As medidas essenciais por ele estabelecidas para o controlo e a eliminação da epidemia foram a prevenção pela higiene, pela desinfecção das casas e prédios, e pelo isolamento dos doentes e seus familiares.

Os médicos foram obrigados a participar qualquer caso suspeito de doença; mercados e feiras foram proibidos. Instituíram-se banhos obrigatórios e visitas sanitárias pelos delegados de saúde acompanhados de polícia; inspecção de passageiros dos caminhos-de-ferro; crianças foram pagas por cada rato que caçavam e entregavam nas esquadras.

Os tratamentos conhecidos na época eram o soro Yersin e a vacina Haffkine, cuja eficácia levantava dúvidas a Ricardo Jorge. A sua estratégia incidia mais sobre a desinfecção das casas com cal e formol; das pessoas, e sobretudo das mãos, com álcool canforado, ácido sulfuroso, e água com sabão e vinagre; e das

roupas com lixívia ou sulfato de cobre. Contra a febre usaram-se antipiréticos: quinina, antipirina, fenacetina; para os acessos convulsivos: brometos, cloral, morfina; contra as dores dos bubões: cataplasmas emolientes com beladona.

Apesar do reconhecido trabalho de Ricardo Jorge a nível local para contenção da epidemia, o governo agiu de forma a isolar a cidade do resto do país, estabelecendo um cordão sanitário, cercado por guarnições militares, que paralisou a vida do Porto, a circulação de mercadorias, o comércio e a indústria. Esta decisão foi considerada uma interferência prejudicial do poder central, quando a cidade demonstrava saber agir de acordo com os conselhos dos mais prestigiados cientistas.

A epidemia de peste bubónica levou ao Porto os mais conceituados médicos da época nas áreas da bacteriologia e higiene. Como delegados dos respectivos governos ou de instituições científicas, os observadores internacionais participaram nos trabalhos de diagnóstico e nos testes aos tratamentos disponíveis.

Para além da questão económica que afectou as elites portuenses, o maior problema encontrava-se nas ruas e bairros mais pobres, o que obrigou à tomada de consciência da necessidade de grandes obras de melhoramento das condições sanitárias da cidade. A aplicação das medidas sanitárias tomou formas por vezes violentas, gerando um clima de revolta. As visitas dos delegados de saúde protegidos pela polícia, os banhos forçados, as casas e as roupas queimadas e os doentes em isolamento compulsivo nos hospitais levaram a manifestações hostis contra as autoridades sanitárias, os médicos em geral e o próprio Ricardo Jorge. Os funerais dos infectados eram preventivamente acompanhados pelo exército, para fazer dispersar eventuais revoltosos. Houve apedrejamentos e bombas, e forças de cavalaria tiveram de restabelecer a ordem. A pressão sentida levou Ricardo Jorge a demitir-se e a pedir transferência para Lisboa.

O bacteriologista Luís da Câmara Pestana (1863-99) encontrava-se no Porto a realizar experiências nos doentes de peste. Picou-se numa mão e contraiu a infecção, da qual veio a falecer em Lisboa.

Em Dezembro já não houve novos casos no Porto, o cordão sanitário foi levantado e a doença foi considerada extinta em Janeiro de 1900, tendo provocado 111 óbitos em 326 infectados.

02 JAN 1899 Referência no Diário de Notícias a um surto de peste bubónica ocorrido em Macau em 1898.

06 JUN 1899 Identificados os primeiros doentes no Porto: estivadores residentes na rua da Fonte Taurina.

06 JUL 1899 Ricardo Jorge visita o foco da doença. Encontra três pacientes, que manda isolar, e dá instruções para a desinfecção dos prédios.

07 JUL 1899 Primeira notícia sobre a doença na imprensa.

11 JUL 1899 Ricardo Jorge diagnostica a epidemia como peste bubónica.

14 AGO 1899 Visitas sanitárias dos delegados de saúde aos bairros onde foram declarados os primeiros casos.

18 AGO 1899 Decreto ditatorial sobre o trânsito e inspecção de passageiros e mercadorias.

19 AGO 1899 Manifestações de comerciantes contra Ricardo Jorge devido às restrições à circulação de pessoas e mercadorias.

21 AGO 1899 Ao sair da Repartição de Saúde e Higiene, Ricardo Jorge é apedrejado por manifestantes e uma bomba explode nas proximidades.

Abertura, em Lisboa (rua Ivens, n.º 48), do posto de inspecção médica de passageiros e empregados dos caminhos-de-ferro oriundos do Porto. Obrigatoriedade de quarentena de nove dias.

24 AGO 1899 Por ordem da Junta Consultiva de Saúde Pública, e contra a opinião de Ricardo Jorge, é estabelecido um cordão sanitário ao redor do Porto, garantido por guarnições militares. Intimações para reparação e limpeza de prédios.

25 AGO 1899 Representação da Câmara Municipal do Porto ao governo contra o estabelecimento do cordão sanitário. Mais de 20000 pessoas das classes abastadas saem da cidade.

29 AGO 1899 Ricardo Jorge manda construir balneários públicos.

06 SET 1899 Manifestações populares contra as medidas sanitárias, reprimidas por forças de cavalaria.

29 SET 1899 A Câmara do Porto envia brigadas de higienização, protegidas pela polícia, para desinfetar habitações dos bairros mais pobres, queimando roupas e mobílias e obrigando a banhos.

30 SET 1899 Ricardo Jorge apresenta a demissão de médico municipal e pede transferência para Lisboa.

14 NOV 1899 Ricardo Jorge é nomeado Inspector-Geral dos Serviços Sanitários do Reino, lente de Higiene na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa e membro do Conselho Superior de Saúde e Higiene Pública.

15 NOV 1899 Falecimento de Luís da Câmara Pestana, vítima de peste bubónica.

22 DEZ 1899 Levantamento do cordão sanitário no Porto.

28 DEZ 1899 Decreto que atribuiu a Ricardo Jorge a responsabilidade pela organização geral dos serviços de saúde pública.

23 JAN 1900 Último óbito de peste no Porto.

06 FEV 1900 Decreto que suspende as precauções sanitárias aos viajantes oriundos do Porto.

